

 **FICHAMENTO 1**

**João Victor Larrosa**

 **CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. Prosa e Verso, Rio de Janeiro, dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido> . Acesso em: 19 jun. 2018.**

“[...] quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. ”

O autor traz uma perspectiva da realidade brasileira bem adequada ao momento do neoliberalismo sul-americano. O descompasso social no Brasil é excludente, sendo assim, não há uma busca por incluir as classes menos favorecidas junto de quem é bem favorecido com o progresso, mas pelo contrário, busca-se manter essa diferença para fim de controle das massas populares. A degradação da maioria, como se refere o autor, nesse caso parece ser proposital, já que para a manutenção do capitalismo é necessária a existência da pobreza. Essas diferenças nas classes sociais mantem grande parte da população desconectada de algo quase básico, mas que se torna elitizado, que é o conhecimento literário. Uma comunidade extremamente pobre tem dificuldade em possuir um livro, possuir tempo e conhecimento básico para ler.

“[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens e todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma formula de fabulação. ”

Trazer a literatura como algo plural em todas as culturas, legitima a cada um possuir sua intelectualidade instintiva, ou seja, explorar de si, como ser cultural produtor de histórias, seu leque de perspectivas literárias. Literatura se torna plural, então, não marginalizar ou inferiorizar literaturas, é essencial para a inclusão de quem não se vê refletido na glamourização elitizada da literatura clássica, partindo para outro campo, assumindo que todo ser humano é possuidor natural de capacidade literária.

“[...] Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. ”

A literatura não é formula matemática, muito pelo contrário, ela é adaptável, e isso lhe coloca como valorosa ao ser social. Além de inúmeras funções, a literatura tem capacidade de explanar o sentimento social vigente em determinada época e contexto, e isso não é pra determinado povo, ou classe social, vale para todos, tanto os reconhecidos intelectuais, até o mais simples e ignorante ser. Assim, toda obra literária é única e valorosa em conteúdo próprio, possuindo um peso transformador ou desolador a quem lhe desfruta.

“Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. ”

O autor trazer essas características da literatura é fundamental e extremamente didático para a compreensão da importância da humanização do ser, da importância do conhecimento próprio, do quanto é propositivo desenvolver o conhecimento literário.

“[...]A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significado que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos. “

Reconhecer a diversidade literária, sua complexidade e valor é fundamental, sendo assim, um movimento literário não é construído através de uma única visão ou paradigmas, mas de um conjunto de significados que constroem valor a determinado período ou sentimento, registrado em obras literárias.

“A partir do período romântico, a narrativa desenvolveu cada vez mais o lado social, como aconteceu no Naturalismo, que timbrou em tomar como personagens centrais o operário, o camponês, o pequeno artesão, o desvalido, a prostituta, o discriminado em geral. ”

A não elitização da literatura, não sobre o acesso a ela, mas pela sua produção, é um marco para a popularização da mesma. Uma vez que a literatura parte a se adequar ao público leitor e tratar da vida comum da maioria, ela pode ser utilizada como fonte de informações sobre a sociedade vigente, ou seja, ela pode ser usada para analises sociais. Embora o autor não deixe claro, eu acredito que o público retratado nas literaturas, por não ter acesso a literatura, passam a ser de certa forma exibidos como algo paralelo a públicos que não vivem o dia-a-dia retratado, como os romances com personagens operários ou camponeses. Esse reflexo traz temas antes negados ou nunca tratados à tona, o que contribui para o debate sobre classes sociais e econômicas.

“[...] literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. ”

Reconhecer os valores da literatura é fundamental para disso em diante se trabalhar a inserção dela como bem comum, ou seja, considerar ela como essencial para vida humana.

“Nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto é que todos devem ter a possibilidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos como consequência normal da transformação de estrutura, prevendo-se a elevação sensível da capacidade de cada um graças à aquisição cada vez maior de conhecimentos e experiências. Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e fazer chegar ao povo os produtos eruditos. Mas, repito, tanto num caso quanto no outro está implícita como questão maior a correlação dos níveis. E aí a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade. “

Quando passamos a pensar a literatura como algo fundamental para o ser social, encontramos algumas dificuldades, como de que maneiras o contato com a literatura pode acontecer, uma vez que que a literatura erudita se encontra privada em alguns meios sociais, principalmente com influência econômica. Não transmitir a culpa pelo desconhecimento ao ser é importante, então a luta por oportunidade a todos é a chave para avançar a outros passos. Em uma sociedade como a nossa, se torna impossível avaliar o poder da literatura como bem social, uma vez que apenas certas camadas da sociedade possuem acesso a ela, como as classes mais favorecidas e o universo acadêmico. Quando e se certo dia a sociedade permitir que todos os membros dela tenham acesso a literatura e compreensão do que fazer com ela, partimos a outro tempo, outro universo social ainda desconhecido.

“Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. ”

Como falado durante todo o texto, o conhecimento literário não pode ficar apenas restrito a uma pequena camada social, ela é muito mais que um entretenimento, sendo assim, é fundamental buscar de distintas maneiras que cada vez mais pessoas tenham acesso a ele. Assumir o real papel da sociedade e o poder que a literatura pode proporcionar nela é um caminho que a nossa sociedade por exemplo, ainda deve buscar. Conhecimento não pode ser privilegio, mas sim direito, um direito básico e irrecusável.

**FICHAMENTO 2**

**COLOMER, Teresa. Ler na escola: os “livros de leitura”. In: \_\_\_. Andar entre livros - A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo Global, 2007, p. 15-48.**

 **João Victor Larrosa**

“A formação de professores continuou sendo muito deficiente do ponto de vista literário e as prioridades escolares e os métodos didáticos não tiveram grandes variações” (Pág. 16)

As constatações de que a literatura é essencial para um melhor e mais capaz desenvolvimento social são muitas, mas pouco se fala em quem pode tratar disso, ou seja, os professores. Professores que compreendam e saibam apresentar literatura aos alunos é fundamental para o sucesso de futuros leitores, uma vez que só será capaz de ler quem for ensinado a isso, e a literatura é muito mais que uma simples leitura, mas sim, a compreensão de um contexto narrado.

“Qualquer modelo de ensino literário se caracteriza pela forte inter-relação que estabelece entre seus objetivos, seu eixo de programação, o corpus da leitura proposto e as atividades escolares através as quais o ensino se desenvolveu. ” (pág. 19)

As maneiras como abordar a literatura, por não possuir formula de como ser aplicada, deve ser planejada, ou seja, deve-se contextualizar diversos fatores para que seja atraente, simples e eficaz, afim de cumprir aceitavelmente seu papel.

“[...]as disciplinas que compõem a área da “humanidade” sempre sustentaram que a contribuição da literatura na construção social do indivíduo e da coletividade não apenas é essencial, mas simplesmente inevitável. ” (pág. 20)

A literatura possui um poder maior que a possibilidade de ser aplicada, é como uma janela que depois de aberta é impossível fechar, ou seja, depois de realmente compreender a literatura em sua forma completa, abrisse um novo tempo na vida de qualquer ser, algo que é inevitável.

“Por um lado, progrediu a reflexão sobre o que é literatura e o que significa saber literatura, por outro lado, mudou a concepção sobre o que são os processos de ensinar e aprender. Como consequência, transformou-se tanto a visão do que a escola se propunha a ensinar nesta área como a visão sobre qual era a melhor forma de fazê-lo. ” (Pág. 24)

A literatura como conteúdo de aprendizado e ensino passou e passa sempre por transformações, a escola sempre possuiu dificuldades em se relacionar com o tema, até por despreparo para tratar sobre. Muitas vezes a escola opta por não abordar a literatura, ou abordar futilmente, não abordando nem o básico, muitas vezes até por despreparo e falta de aptidão com o tema.

“[...] a psicolinguística começou a dar uma atenção crescente à literatura, ao estudar o desenvolvimento da linguística. ”

A literatura atua de inúmeras maneiras, até no subconsciente das pessoas. Diversas áreas podem afirmar que percepção literária é ativa de maneiras funcionais diversas, cabendo até mesmo estudos de áreas da ciência.

“Os professores sentem-se seguras ao afirmar que ler livros com os meninos e as meninas ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora propicia sua inclinação autônoma.”

 Trabalhar a forma literária desde a pequena infância é fundamental para a adaptação de leituras mais complexas no futuro, ir auxiliando no crescimento da capacidade literária contribui e muito para a familiarização com as ideias literárias.

“Experimentar o prazer da leitura e contribuir para o amadurecimento pessoal são precisamente as funções que os docentes consideram prioritárias ao selecionar as leituras escolares quando estas se afastam da programação estrita de conteúdo. ”

As maneiras como abordar a literatura pode ser o diferencial no desenvolvimento pelo gosta da mesma. Estimular prazer pela leitura é um caminho que pode ser difícil porem de ótimos resultados, então esperasse do professore, que supostamente entenda minimamente do assunto, abordar sistemas de apresentação dos conteúdos literários, de forma que estes se tornem interessantes e não pesados ou saturados.

“[...]a opção de resolver o conflito em favor da leitura livre e limitar o papel da escola ao do simples estimulo não parece uma boa saída, por que torna muito difícil que o prazer da leitura (e do leitor) progrida. ” (Pág. 44)

A literatura pode parecer algo de conteúdo pesado, denso, o que não facilita ao leitor iniciante se encantar pelo universo antes de compreende-lo. A escola tem como papel a apresentação e o esclarecimento do conteúdo tratado, seno assim, difícil haver encanto por parte do aluno sem a participação detalhada do professor, uma vez que a literatura utiliza de artimanhas para expressar o que conta, sendo um universo bastante complexo a leitores iniciantes.

“[...] há que se levar em conta definitivamente que os hábitos culturais da sociedade não dependem da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma análise mais complexa do fenômeno e na colaboração de diferentes agentes sociais. ” (Pág. 48)

 Diversos fatores sociais são competentes pelos resultados de uma sociedade, então condenar qualquer sistema sem contextualizar todo um processo é complicado e muitas vezes desleal. A escola como parte de um eixo do estado, e que tem por função capacitar de certa forma crianças e jovens, não pode ser encarregada de transformar todo um sistema cultural, como habito da leitura literária, pois foge de suas funções e capacidade, mas pode buscar de algumas maneiras estimular a mudança, passo-a-passo e lentamente rumo a um desejo maior. A sociedade precisa repensar o papel da educação e da escola, parando de usar esse espaço como algo básico formador de mão de obra e cidadão comum e usar apara a criação de seres pensantes, criadores e reflexivos sobre si mesmos e a sociedade em seu entorno.